

UMA DERIVA ATLÂNTICA

AS ARTES DO SÉCULO XX A PARTIR DA COLEÇÃO BERARDO

Curadoria de / Curated by

Nuria Enguita, diretora artística do / artistic director at MAC/CCB

Marta Mestre, curadora do / curator at MAC/CCB

Mariana Pinto dos Santos, assessora científica / scientific advisor



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
PISO 2

PT/EN

M
MAC/CCB

UMA DERIVA ATLÂNTICA. AS ARTES DO SÉCULO XX A PARTIR DA COLEÇÃO BERARDO

Uma deriva atlântica faz e desfaz caminhos pelas artes do século XX, enquadradas mais especificamente no arco temporal de 1909 a 1977, procurando desarrumar ideias feitas e cânones estabelecidos através da convocação de referências e formas artísticas habitualmente dissociadas. Segue uma cronologia inconstante, com desvios e saltos temporais, mostrando ligações e confrontos entre as margens europeia e americana para indicar possíveis relações e derivas por vezes esquecidas ou ausentes da história da arte.

O Atlântico, sobretudo a partir de meados do século XX, torna-se um espaço fundamental de trânsitos e exílios, suscitando novas afinidades geopolíticas que moldam as subjetividades modernas com repercussões até ao presente. Enquanto remontagem da coleção permanente, *Uma deriva atlântica* apresenta uma seleção de artistas portugueses e internacionais, entre pintura, escultura, desenho, instalação e artes gráficas, que desenham a arte na história do mundo e mostram a modernidade enquanto eclosão múltipla de importantes transformações sociais, artísticas e tecnológicas.

De Pablo Picasso a Amadeo de Souza-Cardoso, de Lourdes Castro a Marcel Duchamp, de Andy Warhol a Wifredo Lam, de Maria Helena Vieira da Silva a Joaquín Torres-García, de Jackson Pollock a Malangatana, e de Lucio Fontana a Ana Hatherly, num total de cerca de 170 artistas, a exposição apresenta uma série de capítulos que revelam as complexidades do desenvolvimento histórico e artístico no século XX. Marcado por duas Guerras Mundiais na Europa e pelas suas consequências até aos processos de revoluções e descolonização da década de 1970, este arco temporal mostra-se também permeável à transformação, podendo ser repensado em novos percursos.

Enquanto exposição permanente em permanente transformação, *Uma deriva atlântica* apresenta de forma inédita as coleções em comodato no MAC/CCB — principalmente a Coleção Berardo, mas também a Coleção Teixeira de Freitas e a Coleção de Arte Contemporânea do Estado —, integrando empréstimos de coleções em Portugal que permitem também redesenhar o lugar da arte portuguesa nas artes do século XX.

COLEÇÕES EM DEPÓSITO Coleção Berardo, Coleção de Arte Contemporânea do Estado, Coleção Teixeira de Freitas

COLEÇÕES COM OBRAS EMPRESTADAS CAM — Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Coleção da Caixa Geral de Depósitos/ Lisboa, Coleção FLAD — Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Herdeiros de Almada Negreiros / CEDANSA-NOVA FCSH, Associação de Coleções / Coleção Berardo, Coleção Rui Victorino, Coleções Privadas e Coleções e Arquivos dos Artistas

1

É PRECISO SER CUBISTA?

Na década de 1910, o cubismo, criado por Pablo Picasso e Georges Braque, fazia sensação como a grande novidade artística. A ideia-base do cubismo era a de representar o objeto de múltiplas perspectivas. A rotura com a representação que o cubismo protagonizou fazia-se através da apropriação, incorporação e reconfiguração. A cultura de massas, a publicidade e a tecnologia, mas também a arte popular e as artes de territórios colonizados, foram fontes para uma renovação cultural na Europa.

2, 4

CONSTRUÇÕES

No contexto da Rússia pré-revolução, a vanguarda assumiu que a arte, em vez de representar o mundo, devia transformá-lo. O suprematismo de Kazimir Malevich agregou vários artistas em torno da pesquisa das leis das formas puras. Alguns artistas conjugaram essa pesquisa com inspiração futurista, cubista e também com tradições populares russas. Com a subida de Estaline ao poder, as experimentações dos artistas russos são proibidas, e muitos são perseguidos. A ênfase experimental de uma arte que queria mudar profundamente o quotidiano continuará na escola Bauhaus, fundada em 1919 por Walter Gropius.

3

SOMBRAS READYMADE

Marcel Duchamp e Lourdes Castro interessaram-se pelas sombras como forma de apreender e questionar a presença e a ausência nas imagens e nos objetos. Com percursos e vidas que nunca se cruzaram, e com abordagens artísticas muito diferenciadas, ambos se fascinaram pela vertigem da reprodução técnica, da fotografia ao *readymade*, do teatro de sombras ao cinema.

5

ABSTRAÇÕES DISSONANTES

Durante o conflituoso início do século XX europeu, os artistas de vanguarda apresentaram pela primeira vez propostas radicais de abstração. Procuravam ir além da representação objetiva da realidade, geometrizando as formas naturais ou sintetizando a pintura e a escultura em formas geométricas puras, e usando cores primárias ou o preto e branco. Desenvolveram teorias que acompanhavam a sua prática: viam na arte a possibilidade de uma linguagem universal e procuravam na geometria uma forma de sistematizar as suas propostas.

6 – 8

SURREALISMOS

O surrealismo, fundado em 1924 por André Breton, terá sido a vanguarda mais transnacional e seguramente a mais duradoura. Assumiu-se fortemente politizado à esquerda e «ao serviço da revolução». Breton conjugava a ideia inicial de Apollinaire de uma «supra-realidade» com a psicanálise de Freud. O surrealismo afirmava-se contra o racionalismo ocidental, promovendo a imaginação livre e cultivando o fascínio pelo não-convencional, o acaso, o inusitado, o inquietante.

9 – 11

AINDA A PINTURA...

Nos dois lados do Oceano Atlântico, o lugar e a prática da pintura na história da arte nunca haviam sido desafiados de uma forma tão radical como no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. As profundas transformações políticas e sociais então vividas não só colocaram em causa a existência de um único centro cultural no mundo como também questionaram a antiga supremacia hierárquica da pintura face à pluralidade de outras linguagens estéticas. A confrontação resultou numa proliferação de novos «ismos», entre o gestualismo e informalismo, a abstração lírica e geométrica, e o expressionismo abstrato ou brutalista.

GEOMETRIA ÓPTICA

Há diferenças e continuidades entre as propostas de abstração geométrica do início de século, a sua disseminação nos anos entre as duas Guerras Mundiais, e as propostas artísticas das décadas de 1950 e 1960. Na década de 1950, a procura por uma certa racionalidade visual pode ser vista como uma resposta aos conflitos da década anterior e o resultado de um novo clima de otimismo e progresso social e tecnológico. A pureza formal, a ordem, o rigor ou o equilíbrio das formas geométricas continuam a servir projetos teóricos de alguns artistas: tornam-se matéria para composições modulares em espaço público e permitem inovações no campo da percepção óptica, ou mesmo obras em movimento.

13

VOLTAR AO ZERO

«Zero é o silêncio. Zero é o início. O zero é redondo. O zero gira. Zero é a lua. O sol é Zero. Zero é branco. O deserto Zero [...]» Assim escreviam em 1963 os artistas Heinz Mack, Günther Uecker e Otto Piene, fundadores do Grupo ZERO. Talvez não haja ideia mais repetida nas vanguardas do século XX do que a vontade de recomeçar do zero. Embora surgido na Alemanha, o Grupo ZERO, ativo entre 1957 e 1966, agregou artistas de outros países europeus. Focados maioritariamente na pintura, privilegiavam o monocromo, a serialidade e o efeito de luz na tela, com perturbações na sua superfície.

14 – 17

NOVOS REALISMOS E POP

Ligar arte e vida é uma ideia recorrente que perpassa as propostas artísticas do século XX. A pop britânica e norte-americana vão entender tal demanda pela atenção ao que o quotidiano das décadas de 1950 e 1960 tinha de mais abundante: a cultura de massas, a publicidade, as mercadorias produzidas em série. A *pop* dos EUA trabalhou com a reprodução do objeto banal e a repetição. Os novos realismos

trabalharam com a realidade objetiva em ações-espetáculo, com a assemblagem de objetos variados, reconfigurados em amálgamas compactas, com a colagem e a «descolagem» — manipulando cartazes descolados das paredes.

18

PAPÉIS

Quando, em 1952, o músico e artista norte-americano John Cage propôs uma partitura de quatro minutos e trinta e três segundos de silêncio, o seu gesto contestava a centralidade do objeto enquanto matéria da tradição artística. Cage abriu o caminho aos artistas das décadas de 1960 e 1970 que tinham vivenciado um terreno fértil de experimentação através da performance, do evento, do *happening*, das caminhadas, da instalação e da videoarte, entre outros. Plural e dissonante, a arte conceptual ganhou escala internacional, dos EUA ao Japão e dos países latino-americanos ao Leste Europeu, incluindo Portugal. Muitos trabalhos eram «desmaterializados», subsistindo deles eco em suporte efêmero, como o papel.

19

REVOLUÇÕES

Das revoluções nos antigos territórios colonizados para conquistar independência à Revolução de Maio de 1968 e seus epígonos, bem como à luta contra ditaduras, o século XX foi marcado por momentos de crença na possibilidade de construir uma sociedade melhor através do derrube da ordem antiga. A ideia de ligar arte e vida reconfigurou-se associada a estes momentos políticos de intensa mudança que incluíram várias lutas, como as pacifistas, anti-coloniais ou feministas. Muitas propostas experimentais usaram instalação, performance, ações de rua, teatro e dança. A politização da arte ganhou especial expressão na produção de imagens da revolução, quer em filme, na fotografia, nas artes gráficas e na pintura mural.

AN ATLANTIC DRIFT: THE ARTS OF THE 20TH CENTURY BASED ON THE BERARDO COLLECTION

An Atlantic Drift charts and unravels paths through the arts of the 20th century, specifically the period from 1909 to 1977, seeking to disrupt preconceived notions and established canons by bringing together references and artistic forms that are usually kept apart. The exhibition follows an erratic chronology, marked by digressions and temporal leaps, thereby revealing connections and confrontations between the European and American shores to suggest potential relationships and drifts often overlooked or absent from art history.

The Atlantic, particularly from the mid-20th century onward, becomes a crucial space for transits and exiles, fostering new geopolitical affinities that have shaped modern subjectivities with repercussions that persist to this day. As a reinstallation of the permanent collection, *An Atlantic Drift* presents a selection of Portuguese and international artists spanning painting, sculpture, drawing, installation, and graphic arts, mapping out art as part of world history and portraying modernity as a multifaceted eruption of social, artistic, and technological transformations.

From Pablo Picasso to Amadeo de Souza-Cardoso, Lourdes Castro to Marcel Duchamp, Andy Warhol to Wifredo Lam, Maria Helena Vieira da Silva to Joaquín Torres-García, Jackson Pollock to Malangatana, and Lucio Fontana to Ana Hatherly—a total of around 170 artists—the exhibition unfolds in chapters that reveal the complexities of historical and artistic developments in the 20th century. This period, marked by two World Wars in Europe and their aftermath, as well as the revolutionary and decolonisation processes of the 1970s, is also seen as a time of transformation that invites rethinking through new narratives.

As a permanently evolving permanent exhibition, *An Atlantic Drift* offers a unique presentation of the collections on loan to MAC/CCB—mainly the Berardo Collection, but also the Teixeira de Freitas Collection and the Portuguese State Contemporary Art Collection. Nonetheless, it incorporates loans from collections in Portugal, allowing for reimagining the place of Portuguese art within 20th-century artistic developments.

COLLECTIONS ON LONG-TERM LOAN Berardo Collection, Portuguese State Contemporary Art Collection, Teixeira de Freitas Collection

COLLECTIONS WITH LOANED WORKS CAM — Calouste Gulbenkian Modern Art Centre, Caixa Geral de Depósitos Collection/Lisbon, FLAD — Luso-American Development Foundation Collection, Heirs of Almada Negreiros / CEDANSA-NOVA FCSH, Associação de Coleções / Berardo Collection, Rui Victorino Collection, Private Collections and Artists' Collections & Archives

1

MUST ONE BE A CUBIST?

In the 1910s, Cubism, created by Pablo Picasso and Georges Braque, made waves as a groundbreaking artistic innovation. The core idea of Cubism was to represent objects from multiple perspectives. The rupture with traditional representation that Cubism ushered in was achieved through appropriation, incorporation, and reconfiguration. Mass culture, advertising, and technology, as well as folk art and art from colonised territories, became sources of cultural renewal in Europe.

2, 4

CONSTRUCTIONS

In pre-revolutionary Russia, the avant-garde took the stance that art should not represent the world but transform it. Kazimir Malevich's Suprematism gathered various artists around the exploration of the laws of pure forms. Some combined this research with inspiration from Futurism, Cubism, and Russian folk traditions. With Stalin's rise to power, Russian artists' experiments were banned, and many were persecuted. The experimental emphasis on art as a means of profoundly transforming everyday life would continue at the Bauhaus school, founded in 1919 by Walter Gropius.

3

READYMADE SHADOWS

Marcel Duchamp and Lourdes Castro were both interested in shadows as a way of understanding and questioning presence and absence in images and objects. Despite never crossing paths and having distinct artistic approaches, both were fascinated by the vertigo of technical reproduction, from photography to the readymade, shadow theatre, and cinema.

5

DISSONANT ABSTRACTIONS

During the turbulent early 20th century in Europe, avant-garde artists introduced radical forms of abstraction for the first time. They sought to move beyond the objective representation of reality by geometrising natural forms or synthesising painting and sculpture into pure geometric shapes, often using primary colours or black and white. They developed theories to accompany their practice, seeing art as a potential universal language and seeking in geometry a means to systematise their ideas.

6 – 8

SURREALISMS

Founded in 1924 by André Breton, Surrealism was perhaps the most transnational and certainly the longest-lasting avant-garde movement. Strongly leftist and "in service of revolution," it combined Apollinaire's initial idea of a "supra-reality" with Freud's psychoanalysis. Surrealism rejected Western rationalism, promoting free imagination and cultivating a fascination with the unconventional, chance, the unexpected, and the uncanny.

9 – 11

STILL, PAINTING...

On both sides of the Atlantic, the status and practice of painting in art history had never been as radically challenged as in the aftermath of the Second World War. The profound political and social transformations of the time not only questioned the existence of a single cultural centre in the world but also undermined the hierarchical supremacy of painting in favour of a plurality of aesthetic languages. The confrontation resulted in a proliferation of new "isms," ranging from Gesturalism and Informalism to lyrical and geometric abstraction, as well as Brutalist and Abstract Expressionism.

OPTICAL GEOMETRY

There are both differences and continuities between the early 20th-century proposals for geometric abstraction, their dissemination between the two World Wars, and the artistic approaches of the 1950s and 1960s. In the 1950s, the pursuit of a certain visual rationality can be seen as a response to the previous decade's conflicts and the result of a new atmosphere of social and technological optimism and progress. Formal purity, order, precision, and geometric balance continued to underpin the theoretical projects of some artists, serving as material for modular compositions in public spaces and enabling innovations in the field of optical perception and even kinetic works.

13

RETURNING TO ZERO

"Zero is silence. Zero is the beginning. Zero is round. Zero rotates. Zero is the moon. The sun is Zero. Zero is white. The desert is Zero" Thus wrote artists Heinz Mack, Günther Uecker, and Otto Piene, founders of the ZERO Group, in 1963. Perhaps no idea was more recurrent in 20th-century avant-garde movements than the desire to start from scratch. Although founded in Germany, the ZERO Group, active between 1957 and 1966, included artists from other European countries. Primarily focused on painting, they favoured the monochrome, seriality, and the effect of light on the canvas, often with surface disturbances.

14 – 17

NEW REALISMS AND POP

The idea of connecting art and life recurs throughout the artistic proposals of the 20th century. British and American Pop artists responded to this call by drawing attention to what was most abundant in the everyday life of the 1950s and 1960s: mass culture, advertising, and mass-produced goods. American Pop focused on reproducing banal objects and repetition. The New Realists

engaged with objective reality through performance-actions, assembling varied objects into compact amalgamations, and using techniques like *collage* and *décollage*, manipulating posters torn from walls.

18

PAPERS

When, in 1952, the American musician and artist John Cage proposed a score of four minutes and thirty-three seconds of silence, his gesture challenged the centrality of the object as the matter of artistic tradition. Cage paved the way for artists of the 1960s and 1970s, who explored fertile ground for experimentation through performance, events, happenings, walks, installations, and video art, among other forms. Conceptual art, plural and dissonant, gained international prominence, from the USA to Japan, and from Latin American countries to Eastern Europe, including Portugal. Many works were "dematerialised," surviving only as echoes on ephemeral mediums such as paper.

19

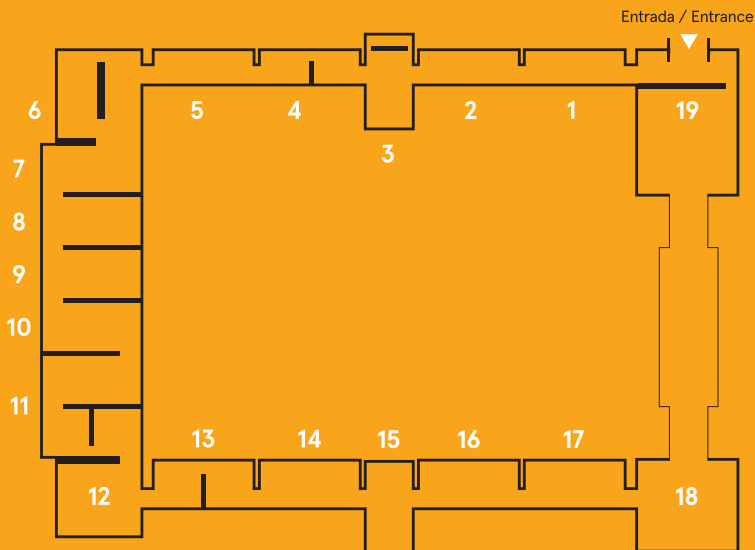
REVOLUTIONS

From revolutions in former colonial territories seeking independence to the May 1968 Revolution and its aftermath, as well as struggles against dictatorships, the 20th century was marked by moments of belief in the possibility of building a better society by overthrowing the old order. The idea of connecting art and life was reconfigured in association with these political moments of intense change, which included pacifist, anti-colonial, and feminist struggles. Various experimental proposals involved installation, performance, street actions, theatre, and dance. The politicisation of art found particular expression in revolutionary imagery, including film, photography, graphic arts, and mural painting.

AMEDEO MODIGLIANI
 AMADEO DE SOUZA-CARDOSO
 JOSEPHINE BAKER
 KAZIMIR MALEVICH
 LYUBOV POPOVA
 JEAN (HANS) ARP
 MARCEL DUCHAMP
 LOURDES CASTRO
 JOAQUÍN TORRES-GARCÍA
 JOSEF ALBERS
 GABRIEL OROZCO
 EMÍLIA NADAL
 PIET MONDRIAN
 PABLO PICASSO
 CY TWOMBLY
 EL LISSITZKY
 SHERRIE LEVINE
 ANA HATHERLY
 ANDY WARHOL

ART & LANGUAGE
 BRIDGET RILEY
 GIORGIO DE CHIRICO
 HELENA ALMEIDA
 JACKSON POLLOCK
 CHRISTO
 JEAN TINGUELY
 LEE KRASNER
 CLAES OLDENBURG
 CONSTANTIN BRÂNCUȘI
 FRANCIS PICABIA
 JEAN DUBUFFET
 MAX BILL
 LOUISE BOURGEOIS
 MALANGATANA
 ALTERNATIVA ZERO
 MAN RAY
 ÖVIND FAHLSTRÖM
 RENÉ MAGRITTE

JOAN MITCHELL
 JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
 JULIO GONZÁLEZ
 MAX ERNST
 JOSÉ DE GUIMARÃES
 SALVADOR DALÍ
 SONIA DELAUNAY
 YVES KLEIN
 WIFREDO LAM
 GIORGIO MORANDI
 MÁRIO PEIXOTO
 DANIEL SPOERRI
 EDUARDO BATARDA
 VIEIRA DA SILVA
 BERTINA LOPES
 MARCELLE CAHN
 (SELEÇÃO / SELECTION)



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA E CENTRO DE ARQUITETURA

Centro Cultural de Belém

Praça do Império, 1449-003 Lisboa

T (+351) 213 612 878 / (+351) 213 612 913

Siga-nos / Follow us

@macccb.museu

#macccbeleem

